

A ILLUSTRACÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignatura e numero avulso : em Portugal ao Sr. David Corazzi, na da Alfama, Lameo; e assignatura ao Sr. José de Mello, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.
Pois da numero d'Paris 1 franc.

6.^o ANNO. — VOLUME VI. — Nº 5

PARIS 5 DE MARÇO DE 1889

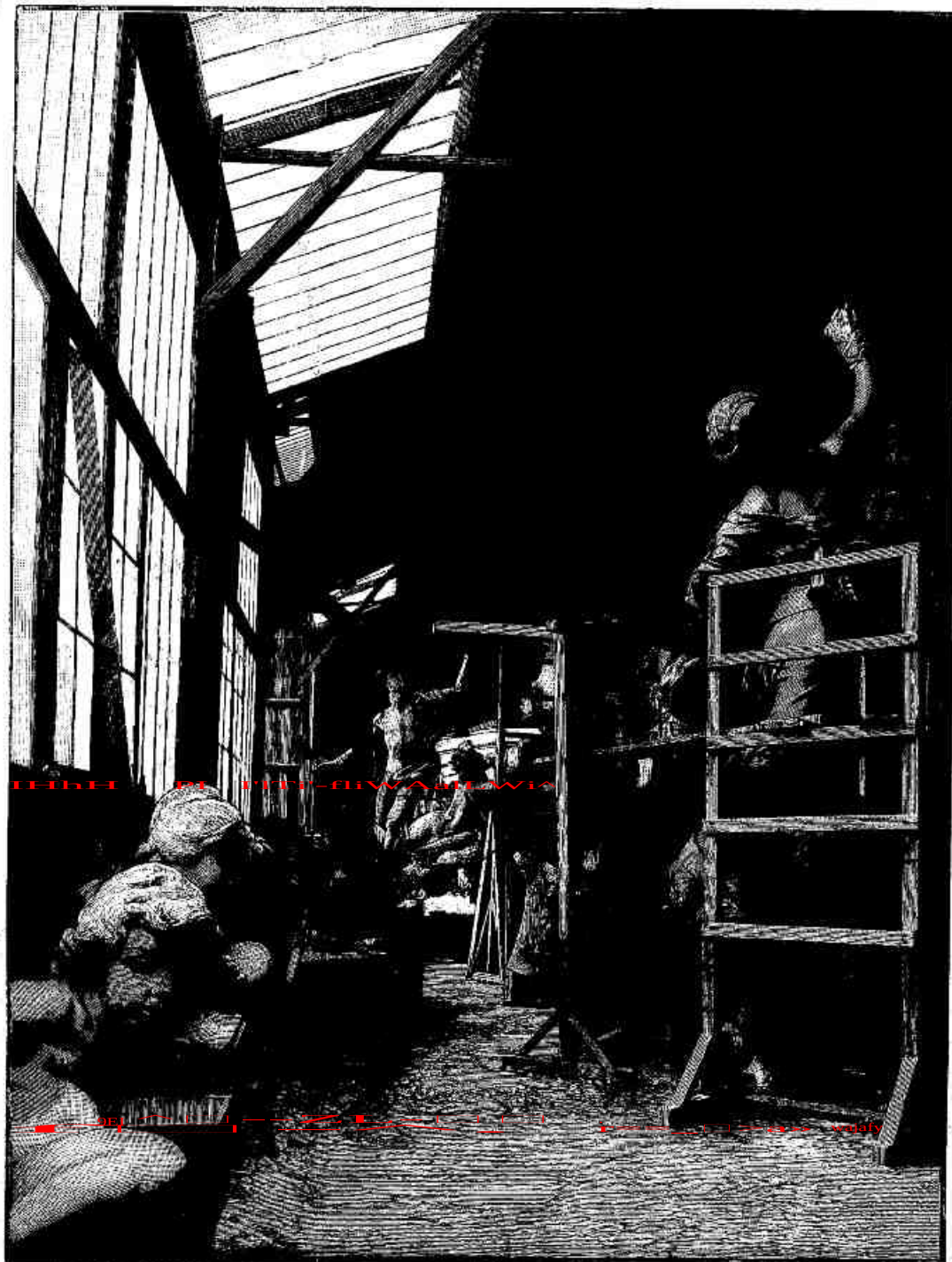
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (FRANCIA)	12.000 REIS.
SEMESTRAL (FRANCIA)	6.000 —
ANNO (PROVINCIA)	14.000 —
ANNO (PROVINCIA)	500 —



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. — Os ateliers de escultura para a construção da fonte monumental.



CHRONICA

PORTUGAL EM PARIS

O NOSSO director Mariano Pina, que se acha em Lisboa, fez publicar no *Seculo* uma carta em resposta a uma pergunta que lhe fizera aquelle jornal, acerca do estado em que se achava a Exposição portugueza em Paris.

Como o nosso director e a commissão dos portuguezes residentes em Paris a que elle pertence e de que tambem fazem parte os srs. Visconde d'Azevedo Ferreira, Carlos Lobo d'Avila, Camillo de Moraes e Domingos d'Oliveira — se affastassem vista do modo como foram tratados pelo sr. Visconde de Melicio — Mariano Pina explica ao publico todos os mysterios da nossa representação em Paris.

A ILUSTRAÇÃO, que tanto tem pugnado pelos interesses de Portugal na proxima Exposição do Campo de Marte, pede licença ao seu director para addir para o proximo numero a sua chronica habitual — reservando hoje este lugar á famosa carta que tanto deu que fallar em Lisboa, pela seriedade e firmeza com que está escripta, pelas verdades que diz, duras de ouvir, e que são mais uma affirmacão da independência da sua penna e da firmeza das suas opiniões.

Desgraçadamente, já é muito tarde para que Portugal seja dignamente representado em Paris. E a terrivel culpa d'esta vergonha cairá sobre o governo que confiou uma tão importante missão ao sr. Visconde de Melicio — que tantos provas da sua incompetencia deu, na infeliz exposição da Avenida da Liberdade.

Eis a carta do nosso director :

..

Meu caro Magalhães Lima. — Acabo de ler no *Seculo* o seguinte :

« O que se passa com a representação portugueza na proxima exposição universal de Paris? O que faz, o que tem feito o sr. Melicio? O que nos informa a tal respeito o sr. Mariano Pina, com toda a sua independência, e que veio a Lisboa de proposito para tratar d'este assumpto? »

« Vergonha é dizel-o, mas, segundo nos consta, ficaremos logrados.... »

Oru co não actualmente me não acho l gado a nada que diga respeito á secção portugueza em Paris, e por consequencia a nada que diga respeito ao logro a que allude o *Seculo*, passo a explicar o caso, para que as responsabilidades não caíam sobre aquelles que hoje estão fóra da questão.

..

Quando em setembro do anno passado vim a Lisboa, fui como delegado d'uma commissão de portuguezes que offercia ao governo gratuitamente os seus serviços, para o auxiliar na instalação da secção portugueza.

Essa commissão, composta dos srs. visconde d'Azevedo Ferreira, Carlos Lobo d'Avila, Camillo de Moraes, Domingos d'Oliveira e Mariano Pina, queria fazer com o seu paiz o mesmo que fez a commissão franco-brasileira, que foi encarregada de organizar em Paris todas as instalações, enquanto as commissões governamentais reuniam nas cidades do imperio os productos que vão ser expostos no Campo de Marte.

Como se dissesse pelos jornaes que o governo portuguez não podia dispor de grandes sommas — o primeiro cuidado da commissão portugueza foi chamar um architecto, para que este fizesse os planos e estabelecesse os orçamentos de dois pavilhões portuguezes — um para artes e industrias, outro especialmente para vinhos. E o nosso architecto, o sr. Lidenfrost, o mesmo que havia sido encarregado pelos srs. Vacquerie e Lockroy para traçar o palacete que Victor Hugo se propunha construir em Paris, na avenida que tem o seu nome — compromettia-se a fazer um só pavilhão pela somma de trinta e seis contos de réis, e os dois pavilhões pela somma de cinquenta e quatro contos de réis, achando-se incluídas n'esta somma as despesas com decorações, mobilias, vitrines, iluminação, guardas e transportes dos productos de Paris para Lisboa.

Quando vim a Lisboa e quando a commissão que eu representava fez a sua proposta em regra ao ministerio das obras publicas — já era tarde! O governo havia confiado a secção portugueza em Paris ao sr. visconde de Melicio: — o mesmo que na Exposição da Avenida confiou carta de expozitor ao sr. conde de Dalmacia, a Bordallo Pinheiro pelas suas faianças artisticas, e ao popular José Augusto pela sua cascata de conchinhas e buzios; — o mesmo que abriu e fechou uma Exposição, sem nunca ter apparecido um catalogo d'essa Exposição!

E em 22 de setembro de 1888, o sr. conselheiro Ernesto Madeira Pinto, director geral do Commercio e Industria, escrevia-me oficialmente o seguinte :

« Posso informar v. exa que a Associação Industrial Portugueza aceita a conjuvação, tanto do comité de Paris, como de todas as entidades que estejam dispostas a cooperar no patriótico empenho de fazer com que Portugal seja dignamente representado no certamen que vai ser aberto na capital da França. »

Levei esta carta á commissão portugueza em Paris que continuou animada das mais bellas ingenuidades patrióticas, querendo auxiliar e coadjuvar por todos os modos a tarefa do sr. Melicio em França. Mas s. ex.ª que não estava animado de iguaes ingenuidades, e tratou de resto, como quem trata intrusos, a commissão portugueza; não ligou a mais ligeira importancia aos planos e orçamentos do nosso architecto, planos que aliás haviam sido elogiados pela imprensa de Lisboa, e que haviam merecido a honra de serem reproduzidos nas paginas dos *Pontos nos II*; e para anniquillar este grupo de portuguezes, que tinham a audacia e a mau gosto de quererem ser uteis ao seu paiz, o sr. Melicio uniu em Paris conspirando a formação d'um outro comité portuguez, para desmoralisar, preterir ou absorver o outro!...

Depois fez constar na imprensa de Lisboa que, apenas chegado a Paris, em vez de 500 metros quadrados, logo alcançara no campo de Marte 2000 metros — o que é menos exacto. O nosso pavilhão na galeria das nações continuava sendo de 500 metros. E qualquer commissão official ou officiosa podia, n'essa época, obter o terreno que desejasse e na esplanada dos invalidos. Era ali, em plena exposição agricola, que o comité Paris desejava edificar o pavilhão de vinhos portuguezes, attendendo a que devia ser esta a nossa mais importante exposição de Paris. Não está a maior parte da nossa riqueza vinicola, dependente dos mercados francezes?... Não andará n'isto envolvida a riqueza nacional?... E o que o sr. Melicio não que ver, nem quer ouvir, — querendo só mostrar á França que nós também sabemos fabricar vidros, papeis, pannos, e cascates de conchinhas e buzios.

Que tem a França com isso? Que podemos nós lucrar com semelhante exposição?...

Em vista d'isto, a commissão dos portuguezes residentes em Paris resolveu affastar-se, para não soffrir desconlidanças, para não ser o criado d'este ou d'aquelle grupo, e para não ter a minima responsabilidade no fiasco que nos espera em França.

E pousou-se outubro, dezembro e janeiro e nada se começou em Paris, apesar de se dizer por toda a parte que o governo dava ao sr. visconde de Melicio noventa contos de réis para fazer a exposição. E ainda ninguém viu os planos do architecto do sr. Melicio. E quando a quinze dias sahi a Paris, constava ali que a nossa exposição ia ser confiada a um estofador (*tapisier*) da rua de Chateaudun... Realmente ninguém mais habil como estofador, para instalar uma exposição portugueza no Campo de Marte!... Sem commentario, não é verdade?...

Hoje creio que ainda nada se começou. O sr. Melicio só pensa em levar para Paris os productos reunidos na Avenida. E as circulares que para esse fim acaba de distribuir pelos expositores, são de tal modo convidativas e opportunas, que Bordallo Pinheiro não pôde, como desejava, organizar a sua exposição de faianças artisticas, e que os artistas do *Grupo do Leão* vão lavar um protesto, porque não foram prevenidos a tempo para organizar os seus trabalhos, de modo que a arte portugueza podesse ser representada em Paris.

A exposição universal abre impreterivelmente no dia 5 de maio proximo. Todos os paizes trabalham activamente para terem as suas exposições installadas n'esse dia. A Hespanha, a Italia, a Grecia e a provincia d'Argelia terão n'esse dia installadas as suas exposições vinícolas. As nossas concorrentes não de triumphar em toda a linha. Os seus vinhos hão de ser elogiados e premiados.

Mas o sr. Melicio terá a consolacão suprema de mostrar á França e ao mundo inteiro que tambem sabemos fabricar papel, eboites d'enluta, as grozas!

..

Ficará o seu *Seculo* satisfeito com estas applicações?...

Creia-me, meu caro Magalhães Lima, seu muito dedicado amigo e collega.

MARIANO PINA

PAYSAGEM

*Duas collinas rasgam-se. No meio,
Deita-se o valle, umbroso e virginal,
E sobre aquelle exuberante sci
Cabe o touro espartilho tropical*

*Do sul montante... Em cima da esmeralda
Movel e doce que a folhagem basta
Oppõe ao céu, — o Céu azul, que escalda,
Pousa um olhar de transcendência exalta.*

*Destacam-se as collinas dos abustos,
Como dois peitos rigidos, robustos,
Rasgando a seda de um corpete escuro...*

*E o valle, o valle, como um colto enorme,
Mira orgulhoso a curva filiforme
Do seu cillar, — um veio d'agua puro!*

Re il.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

No proximo numero a ILUSTRAÇÃO publicará o retrato do eminente escultor portuguez

SOARES DOS REIS

e a reproducção d'uma das suas obras mais notavéis.



AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

NO penúltimo numero da ILUSTRAÇÃO publicamos uma gravura representando a fonte monumental que se está construindo no Campo de Marte, no centro da Exposição Universal de Paris.

Hoje parece-nos curioso mostrar aos nossos leitores o interior dos ateliers onde se estão esculpindo as figuras que devem ornar uma outra fonte monumental, e de que é auctor o sr. Coutan.

A *maquette* da fonte que publicamos no nosso penultimo numero, é original do sr. Saint-Vidal. A sua fonte deve ficar debaixo da famosa torre Eiffel.

A fonte do sr. Coutan, que é o mesmo auctor d'uma bella estatua a *Porteuse de pain*, muito conhecida dos artistas modernos, — deve ficar no centro dos jardins do Campo de Marte.

Esta fonte representará um immenso barco de que a Republica terá o leme, conduzindo uma estatua da França alada e empunhando o facho da civilização. Como figuras allegoricas: Mercurio representando o Commercio e a Industria fazendo *pendant* a Musa das Artes e das Sciencias. Figuras da Fama, emblemas habilmente agrupados em volta da figura principal formarão, cercados de verdura, no meio do jardim central, uma das obras mais artisticas e mais pittorescas da Exposição de Paris.

Lembramos aos nossos leitores que a Exposição de Paris abrirá impreterivelmente no dia 5 de maio proximo. A partir d'essa data, a ILUSTRAÇÃO começará um serviço especial de gravuras e de texto, para que os seus leitores de Portugal e do Brazil encontrem nas suas paginas tudo quanto diga respeito a tão extraordinario e tão brilhante certamen.

O PRINCEPE IMPERIAL DA AUSTRIA

Uma grande parte do nosso numero de hoje é quasi todo dedicado aos ultimos acontecimentos da Austria — a tragica morte do archiduque Rodolpho, o principe imperial do imperio austriaco.

A noticia da morte do principe chegou Vienna, no dia 30 de janeiro. O archiduque Rodolpho tinha-se instalado na vespera na sua villa de caça, em Meierling, proximo de Baden. Foi ali que a encontraram morto, sobre o leito, e as circumstancias mysteriosas que cercam este caso profundamente dramatico, crearam um romance envolto da morte do archiduque. O suicidio é a versão official. Eis a declaração dos medicos que fizeram a autopsia do cadaver, na dia 31 de janeiro, em Hofburg, Vienna:

1.ª Sua Alteza Imperial e Real o principe herdeiro morreu d'uma fractura do craneo e das partes interiores do cerebro.

2.ª Essa fractura foi motivada por um tiro dado contra a região temporal direita.

3.ª O tiro devia ser d'um revolver de calibre medio e só podia ter occasionado a ferida em questão.

4.ª O projectil não foi encontrado por que sahi pela abertura constatada por debaixo d'orelha esquerda.

5.ª E' fora de duvida que foi mesmo Sua Alteza Imperial quem disparou o revolver e que a morte foi instantanea.

O archiduque Rodolpho era muito popular na Austria. Tinha cerca do 30 annos; nascera em agosto de 1858.

Casara em 10 de maio de 1881 com a princeza Estephania, filha do rei da Belgica, Leopoldo II e da rainha Maria Henriqueta, archiduquesa d'Austria, filha do fallecido archiduque José, palatino da Hungria. O archiduque Rodolpho tinha profundos conhecimentos militares.

Entrou no serviço do exercito activo, em 23 de julho de 1878, para o 36.º regimento d'infanteria, sendo pouco depois nomeado general-maior e ao

mesmo tempo contra-almirante. Em 1881 tomou o commando da 18.ª brigada, em Praga e depois foi elevado no grau de feld-marchal em 1883, com o commando da 25.ª divisão d'infanteria, em Vienna.

Era tambem chefe honorario de grande numero de regimentos austriacos, allemães e russos. No entanto, o principe Rodolpho preferia as coisas militares, as sciencias e a litteratura. Era um distincto conhecedor em botanica e um naturalista notavel. Frequentava amudadas vezes os principaes cercos scientificos e litterarios de Vienna, dirigindo-se com a maior familiaridade possivel a todos os socios. Consagrava mesmo varias horas de trabalho na publicação d'uma importante obra historica e descriptiva dos diversos paizes que constituem a monarchia austro-hungara. Publicou muitos artigos em diversas revistas militares e escreveu dois volumes sobre a *Curso do Danubio*.

Do seu casamento com a princeza Estephania, nasceu uma encantadora creança, a pequenina archiduquesa Elisabeth, nascida em 2 de setembro de 1883. Conta hoje portanto cerca de 5 annos e meio.

Em seguida a morte do principe Rodolpho, o herdeiro presumptivo passava a ser o archiduque Carlos-Luiz, irmão do actual imperador e tio do principe morto. Mas o archiduque Carlos abdicou em seu filho a successão ao throno d'Austria-Hungria.

Nasceu em 30 de julho de 1833 e enviuvando por duas vezes, da princeza de Saxe e das Duas Sicilias, casou ultimamente com uma das filhas de D. Miguel de Bragança, irmã do principe a que os absolutistas chamam D. Miguel II. O filho do archiduque Carlos, em que este abdicou é o archiduque Francisco, nascido em 18 de dezembro de 1863 e actualmente major d'artilhari.

O CASTELLO DE MEIERLING

Este castello ou antes esta simples casa de *rendegions* de caça, fica situada n'uma pittoresca provincia, muito frequentada pelos Viennenses. E' um dos mais lindos poços da Austria.

Meierling dista apenas alguns kilometros da estação de Baden. Nada que indique a moradia d'um principe. Como os nossos leitores podem ver do croquis que nos enviou o nosso correspondente de Vienna, o castello de Meierling que entr'ora torna uma abbadia, tem o aspecto d'uma simples propriedade burgueza, a casa apalçada d'um rico lavrador, ou d'um fidalgo provinciano.

OS FUNERAES DO PRINCEPE RODOLPHO

Os funeraes do principe Rodolpho realisaram-se em Vienna, em 5 de fevereiro ultimo. O corpo do morto havia sido deposto na noite precedente, na capella de Burg. Sobre a caça foram depositas muitas corças de flores, do rei e rainha da Belgica, das irmãs do morto, a corça do principe de Galles e a do imperador Guilherme. Sobre duas almofadas estavam as condecorações do defuncto. A multidão desfilou durante duas horas, por diante da caça; depois fechou-se o caixão e entregou-se a chave ao principe Hehenlohe, grã-mestre de ceremonias.

Desde o meio dia que se interrompera a circulação na cidade. A Balsa e as folhas fecharam. Os curiosos que esperavam e cortejo faziam alas nas ruas desde as 5 horas da madrugada.

A multidão achava-se recolhida e calma. Muitos juvenis estão ornadas da preto. Ha varandas que foram alugadas por dez e vinte libras. Em varios pontos da cidade levantaram-se tribunas que estão cheias de gente. O choro da igreja dos Capuchinhos está cheia de generaes, ministros e altos funcionarios. No momento de se levantar o corpo, abriu-se a porta do lado esquerdo do choro e o Imperador appareceu todo curvado, com o uniforme de feld-marchal.

Minutos depois o cortejo punha-se a caminho nas ruas. Abria o prestito um esquadrão de cavalleria, em seguida vinham os dignatarios da corte, o coche funebre puxado por seis parellhas, as carroçagens da corte e os representantes das diversas armas. O cortejo era muito simpler. Por ordem do Imperador havia-se evitado todo o apparato.

A cerimonia na igreja dos Capuchinhos foi p. quena. Depois da absolvição lançada pelo Mgr. Ganglbauer, principe-arcebispo de Vienna, o Imperador aproximou-se do caixão de seu filho, ajoelhou e esteve rezando alguns minutos. A cerimonia apenas

durou meia hora. Em seguida desceu-se o caixão na cava do convento.

Foi alli que se deu uma scena bastante dolorosa. M. de Hehenlohe abriu o caixão e voltando-se para o prior disse:

— Reconheço Rodolpho de Habsburg que confio á vossa guarda?

E o prior respondeu:

— Sim; reconheço-o; e tomo sob minha guarda esse corpo.

Então a princeza Estephania soltou um grito de dor e o Imperador começou a soluçar, tremulo de commoção.

O subterraneo dos Capuchinhos onde hoje repouza o principe Rodolpho é como a cava de São Denis, em Paris.

E' ali que dormem e eterno somno esses imperadores tão poderosos e esses guerreiros tão temiveis que fizeram, durante a vida, tremer o mundo. Dormem ali para sempre gloriosos heroes da casa de Habsburg.

Eis ali os tumulos do imperador Mathias, de Francisco I, de Margarida de Hespanha, de José II que exigiu a seguinte inscripção sobre o seu tumulo: *Aqui jaz José II que foi desgraçado em tudo quanto empreendeu*. Mais além está o tumulo do pobre rei de Roma para quem o congresso de Vienna foi tão cruel e ao lado repouza o pobre Maximiliano, com o seu tumulo de ferro todo coberto de corças de perpetuas.

O subterraneo encerra perto de cem tumulos, e quasi todos se distinguem por uma grande simplicidade. Simente o de Francisco I, marido de Maria Theresia é que tem proporções de mausoleu.

Eis toda a nossa reportagem sobre este triste drama que tanto deu que fallar na Europa — trágica morte d'um principe, em que muitos viram o epilogo d'um drama d'amor.

BELLAS-ARTES. — UM RETRATO.

PINTURA DE REMBRANDT.

A ILUSTRAÇÃO offerece hoje aos seus leitores uma pagina notabilissima, uma primorosa copia d'um quadro de Rembrandt, devida ao buril do eminente gravador francez e nosso collaborador, o sr. Ch. Baulé.

N'esta gravura o artista soube reproduzir todas as belezas e o extraordinario genio do grande pintor flamengo do seculo XVII. A figura retratada vive na gravura com o mesmo vigor e a mesma intensidade com que a vemos no original dentro do museu.

Quando a ILUSTRAÇÃO tem occasião de publicar d'estas paginas, nós sorrirmos-nos delectados dos elogios que certos jornaes espalham sobre revistas indigenas onde a gravura está representada como em paz de barbaros.

E continuamos corajosamente com a nossa campanha em nome do talento e do bom gosto.

SYMBOLICA

a Stéphane Mallarmé

*Em noites cheias de visões catholicas
e povoadas de soluços fundos;
quando os Santos de barbas apostolicas
e emagrecidos por jejuns profundos;*

*luctando contra as tentações diabolicas
— tentações do Prazer, sonhos immundos...
clowm, d'alto, as orações symbolicas,
muito acima dos astros e dos mundos;*

*n'estas horas de crises sobrehumanas,
mesmo entre as Ladainhas e os Hosannas,
nossa alma treme em convulsões mortaes;*

*ao sentir que nos fitam, de repente,
com seus olhos de fogo, cruamente,
as letras escriptas dos Missaes!*

Paris — 1889.

XAVIER DE CARVALHO.

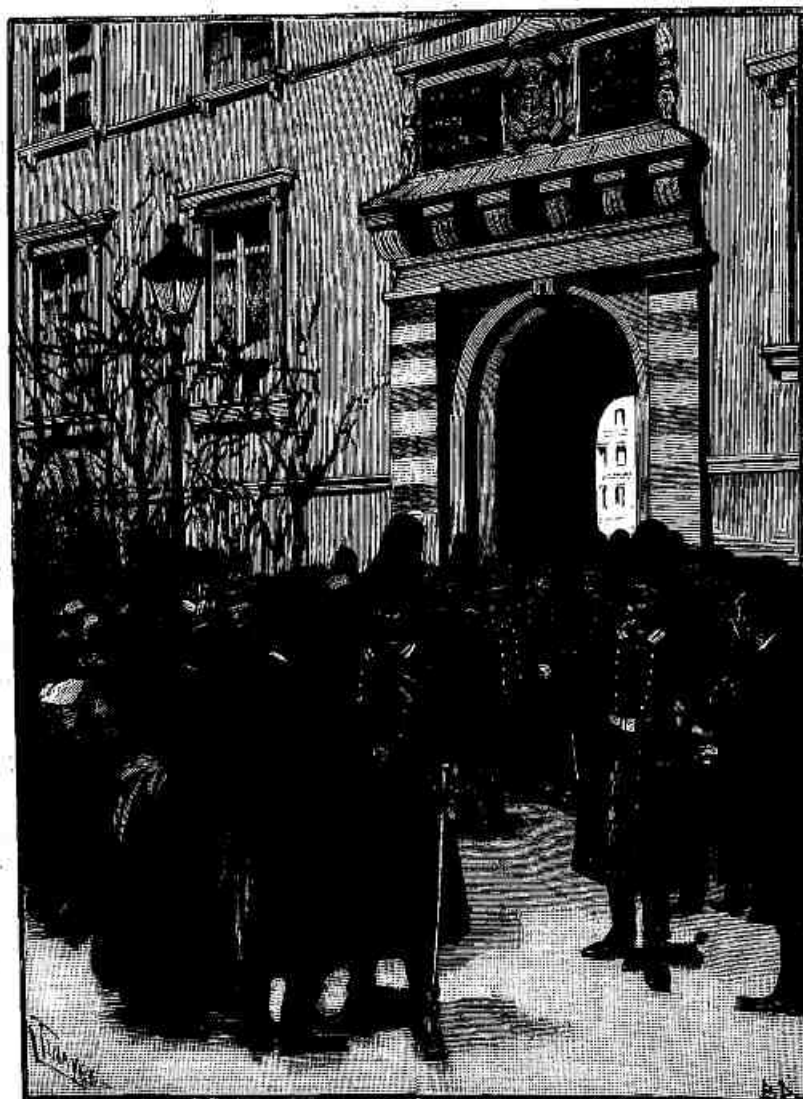


A CASA DE CAMPO DE MEIERLING, ONDE MORRERAM O ARCHIDUQUE RODOLPHO.

O MAR

SILENCIOSO encostado ao paredão do cães, Henrique contemplava o mar. O céu estava encoberto e só através das nuvens amontoadas se desprendia a luz phosphorescente da lua. O mar murmurava soturno e tenebroso, qual monstro à espreita, lançando um bafejo calido. E as ondas estendiam-se por uma vasta região; só ao longe, muito no fundo, corria uma facha brilhante em que se reflectia a claridade forte da lua, que escapava entre duas nuvens. O cães seguia recto para um dos lados, depois contornava as sinuosidades do golfo, afinal afundava-se na areia da praia. Do outro lado fazia uma enseada, cavada na rocha, continuando depois, muito slém, atepêrder-se no borborinho das ondas. Henrique já estava allí desde muito, observando o tempo. Ameaçaria chuva?...

A aragem forte batia lhe no rosto, impregnada de exalações marinhas, cheia de uma carícia branda. Elle olhou para o céu. Sombras ne-



AJUNTAMENTOS À PORTA DO PALACIO DO ARCHIDUQUE EM HOFBURG.

gras accumulavam-se para o sul, acompanhando umas ás outras, imitando uma reunião de conspiradores mudos. No meio e em volta da lua occulta corria um véu claro, sem soluções; apenas n'um ponto, n'um rasgão profundo apparecia parte da via lactea, como um punhado luminoso de areia.

Para a parte opposta, perdiam-se por detraz das ultimas montanhas vultos alvacenos de nevoeiro. Era possível que chovesse....

E Henrique poz-se a caminhar ao longo da costa do mar, em direcção ao golfo. Ah! a rocha escancarava as guelras, onde tremiam as faluas e botes de carga, como uma multidão tragada que se debatesse com ligeiros estremecimentos de victimas. Ouvia-se o rumor confuso das vozes dos pescadores que partia do fundo, como um bocejo immenso sahido das fauces do golfo. D'ahi o vento trazia com o cheiro mais activo de maresia as emanações dos detritos dos peixes e fructas em decomposição, empestando os arredores. E Henrique teve que apressar o passo para fugir áquella região viciada, em busca de um ar mais puro. Passado o golfo,



O ARCHIDUQUE RODOLPHO, D'AUSTRIA-HUNGRIA. — FALLECIDO EM MEISERING, NO DIA DE 30 DE JANEIRO.

continuou a ladear a costa, que agora seguia em linha recta. De repente parou de frente de uma solução da muralha que dava para o mar. Em baixo, em frente ao ultimo degrau de uma escada de pedra, fluctuava um bote.

— Que manda, patrão? gritou um homem lá de dentro, invisível na sombra.

— Escute, fex Henrique, descendo a escadilha, que diz do tempo? choverá amanhã?

O homem do bote revolveu-se na treva, depois respondeu surdamente:

— Hoje isto está duvidoso; a modo que á tarde queriam pingar uns choviscosinhos, mas amanhã é lua cheia e creio que o tempo deve concertar. Olhe! veja, patrão! — e a mão do catraeiro destacou-se vagamente no ar — lá para aquellas bandas temos uma boa carga de vento, mas isso desaba e vae-se... para amanhã isto amaina, patrão, creio que: maina... — e a mão tornou a desaparecer. N'isso a ventania encavou-se pela fenda do paredão, sibilando com estridor. Henrique teve que colcar o chapéu que quasi voava. E o catraeiro continuou no vento.

— Quer fazer alguma viagem?

— Não: é um puseio que tencionamos dar amanhã á ilha. — E indicou um ponto negro em frente que se perdia na amplidão escura do mar. Depois, tomando uma resolução:

— Então cre que amanhã não choverá?...

— Teremos até luar; asseguro a V. S.; e depois se é para amanhã á noite, o patrão pôde apparecer quando quizer que eu cá estou ás ordens.

— Bom: então esteja aqui ás 6 h 12, e se eu não apparecer até ás sete, não conte commigo. — E subio dois degraus. Depois voltando-se de novo:

— Ah! já me ia esquecendo! Por quanto leva você d'aqui á ilha tres pessoas; ida e volta?

— Barato, patrão, pôde-se: fazer por 38500.

— Por tres mil réis está decidido.

— Não se pôde... não se pôde... fez o homem.

— Não dou mais que isso; se quizer, é estar aqui ás 6 h 12 — e galgou os tres ultimos degraus. No alto ouvia a voz surda do catraeiro resmungar — Pois vá lá... ás 6 h 12 — um ressoar morto que se misturou ao murmurio longiquo de mar.

Henrique vivia alli nos arredores, a pequena distancia do oceano, em companhia da velha mãe e da prima Alice, com quem estava para casar. Também morava com elles a tia Henriqueta, idosa e doente, a quem o irmão confiara ao morrer aos cuidados da familia. Henrique desde pequeno nutria pela Alice uma affeição forte, que a puberdade, desenvolvendo, transformara no mais puro amor. Hoje, a consentimento da mãe, tinham tratado casamento, e esperavam com calma, no doce aconchego do lar, sem precipitação o dia em que mais intimamente se unissem n'um amplexo doce e eterno. Elle desde criança acostumara-se á vida do commercio a que agora se entregava, um emprego pacifico e rendoso dos capitães que o pai lhe deixara; quasi sem sentir o borboriêdo da cidade, sem preocupações fortes, na doce calma da vida burgueza. E quando elle via pelas ruas a multidão dos homens a correr esfaimados em uma luta feroz, destruindo-se uns aos outros em busca de dinheiro e posição, elle muito admirado, nada comprehendia d'aquillo tudo, pasmado de que aquelles homens todos não achassem um meio tranquillo onde vissem sem pensar, sem soffrer, ao suave embalar do tempo.

O Deus de Henrique era o mar: sem outras crenças mais vivas que lhe occupassem o espirito, fazia d'aquella grande massa sem limites um deus todo poderoso, senhor de todas as coisas, capaz de tudo destruir em um só momento, com um sim, les espadunar de ondas. E todas as perfeições que em pequena tinham-lhe ensinado pertencer a Deus, elle as achava no mar:

e era por isso que o adorava. O mar era quem guiava as pequenas embarcações sob a protecção do luar, fornecendo-lhes do seu seio misericordioso todo o alimento necessario. E o mar era a Providencia. Elle ligava os continentes, relacionando as nações mais afastadas n'um grande abraço. E o mar era o Grande Amigo dos homens.

Emfim, elle era o Justo quando tragava em suas espumas os ladrões e assassinos; elle era o Eterno, porque não se lhe conhecia o principio nem o fim; Grande e Magestoso, porque os seus dominios eram immensos e envolviam todo o mundo. E Henrique, fraco e tímido, quando ás vezes se sentava á borda do paredão, perdia-se todo na contemplação d'aquelles grandes e chões que rolavam ao longe, como que sentindo partir lá do fundo, do meio das duas extremidades do golfo, um sopro forte e nutritivo que o enchia de forças. Outras vezes, se o vento soprava, o céu estava escuro, as ondas revoltas e o trovão rugia terrível, elle achava que era bom fugir de Deus em colera. Então refugiava-se em casa, buscando entre a velha mãe e a noiva o manto de protecção que lhe faltava, como que fazendo uma oração muda e ardente ao Senhor Todo Poderoso, Creador de todas as coisas.

N'aquella noite Henrique tinha formado o projecto de fazer uma surpresa á familia, levando-a no dia seguinte á ilha em passeio. Agora tinha muita esperanza, confiando no que dissera o catraeiro. Ao olhar para o céu viu a lua, passando por entre duas nuvens que se distanciavam, e apparecendo redonda sobre as ondas. A chuva lá se ia, o céu limpava-se e o mar, embalando-se tranquillamente, parecia um grande monstro, de ventre para o ar, ostentando as escamas prateadas ao luar. Sim, Deus era bom, — tinha attentido á supplica de Henrique.

II

No dia seguinte, ás 6 horas da tarde, Henrique, a velha mãe e a noiva sabiam de uma rua estreita e atravessavam a praça. Tinham muito cuidado ao correr por aquelle meio em movimento. Tomaram a direcção do golfo. A tarde declinava. O sol no poente, muito rubro, alirava uma cor viva sobre o mar que ardia, fazendo reflectir uns raios no longe sobre algumas montanhas elevadas, como um echo estridente. Na beira do mar fazia-se a importação da tarde. Alli chegados, os tres puzeram-se a contemplar aquelle borboriêdo de gente. O golfo estava cheio de faluas, botes e barcas de carga que, atracadas umas ás outras, despejavam os flancos cheios de fructas com um rumor surdo. E todas aquellas embarcações sem velas, faziam uma grande esteira ondulante, onde o movimento dos pequenos mastros n'us punham ainda maior confusão. E os homens corriam de um para outro lado, com cestos cheios de abacaxis e laranjas, onde a cor avermelhada mais augmentava na luz do sol poente. Mais adiante ainda se sentia o mesmo estremecer vertiginoso. Eram melancias e aboboras que os homens carregavam, quasi que vergando debaixo do peso, suando. E o tom ali era menos vivo, mais escuro, deixando predominar as cores sombrias de alguns fundos de faluas, a n'ú, onde se accumulavam saccos de carvão.

— Como é bonita a tarde, Henrique? — suspirou Alice com um arripo de prazer. — Aqui sim, é que se respira um ar puro...

— Aqui, é outra coisa — disse a D. Emilia, a mãe, — mas não lá no golfo, onde o cheiro é insupportavel. D'estes lados sente-se menos a maresia...

— Mãe não gosta da maresia? voltou Henrique — pois echo-a esplendida!

— Eu tambem; acompanhou Alice, cobrindo-se com o chale que trazia.

E todos os tres seguiram o desenvolvimento do muro, e chegaram logo á abertura estreita

que dava para o mar. O homem do bote lá estava recostado, tendo nas mãos os pesados remos.

— Viemos muito cedo? — disse Henrique, não contava ainda connosco?

— Pois não, patrão, eu já cá estava á espera; depois não é cedo, porque precisamos quanto antes fugir do venio que acolá vem...

E apontou vagamente para o céu, que se conservava desde meio dia puro e sem macula. Actualmente o azul desvanecia na cor rubra do sol. Só para o lado opposto conservava ainda uma coloração esverdeada em que os dois tons, vermelho e azul, luctavam em um combate de exterminio. Bem no meio, onde a luz vermelha começava a accentuar-se, a lua, esvaecida, quasi incolor, destacava-se timidamente. Para leste manchava o firmamento uma nuvem escura com ligeiros toques alaranjados. E era esta a nuvem que o catraeiro apontara.

Henrique, que fôra o unico a ouvir a observação do homem, pouco se importava com a questão do vento; o mar estava manso, elle bem o conhecia, e depois, desse no que desse, elle sabia nadar e junto com o catraeiro estavam alli dois homens para duas mulheres:

— Embarquemos... fez elle.

O homem era musculoso e alto. Tinha uma camisa de meia branca e a barba loura e comprida. Com um golpe de remos dirigiu o bote e ageitou-o ao ultimo degrau da escada. Henrique desceu, dando a mão a D. Emilia. Alice, ao entrar, sentou-se do mesmo lado, carregando muito no bote, que todo se inclinou para a direita.

— Não, filha, sente-se á esquerda, interveiu o Henrique, é preciso restabelecer o equilibrio; — e elle proprio sentou-se á popa.

N'esse momento o catraeiro contrahiu toda a musculatura, inclinou-se e fez correr a embarcação. O tempo ecurcia cada vez mais, a lua tornava-se mais branca e luminosa e as montanhas menos distinctas perdiam a cor pouco a pouco.

O mar estava ligeiramente irriçado e as pequeninas vagas agitavam-se confusamente, fazendo ao longe um rendilhado caprichoso. A medida que o bote se afastava, o rumor do golfo ia-se abysmando em um estrepito discreto. Os remos em rythmo compassado, iam fendendo as aguas com regularidade mechanica. E o vento que ia augmentando aos poucos, trazia uma aragem fresca e agradável, cheia de caricias.

Henrique, atirado á popa, via através das bordas do catraeiro, que voavam, a linha de separação entre o céu e o oceano. Dos dois lados limitavam-na as duas extremidades da enseada. Bem no meio o ponto escuro da ilha destacava-se. Para os lados as terras verdes succediam-se gravemente em destilar moderado. Depois vinham as linguas brancas das praias que iam continuando até perderem-se nos escolhos dos extremos. Em pouco tempo os viajantes transpuzeram os limites da bahia. Então a linha do horizonte mostrou-se muito augmentada, estendendo muito além os seus limites. No céu, a lua com o morrer completo do dia já se appasara da amplidão, brilhando muito fortemente, com a actividade e esplendor de plenilunio. Todo o firmamento se illuminara, deixando mais se destacar a nuvem escura que, muito crescida, corria por sobre o mar no deslizar do vento. E o oceano immenso e imperturbavel dormia, acalentado pela natureza toda.

E diante d'este espectáculo Henrique sentiu um parazo sublime, cheio de forças para gozar — Como está soberbo o tempo, fez elle comovido.

— Oh! balbuciou Alice, sem achar o que dizer, olhando para o ar.

— Precisamos apressar, interrompeu o homem do bote, o venio já não tarda.

— Ora o venio!... tornou Henrique com desprezo. E não se achava elle junto do seu deus que tudo podia? Ora o venio que viesse!



UM RETRATO, PINTURA DE REMBRANDT

GRAVURA EM MADEIRA DO SR. CH. BAUBE

(Montado, n.º 2, 1884.)

Mas em frente, a lua appareceu alvejando ao luar. No céu a nuvem negra e ameaçadora já quasi attingira a lua, correndo sobre elles com grande velocidade. O vento crescera muito em grandes rajadas e o mar atizara as primeiras vagas na attitude de um monstro que acorda.

— Ah! gritou a D. Emilia.

Um golpe mais forte da ventania na agua tinha levantado o bote a uma certa altura, fazendo-o depois afundar com grande choque. O céu tornou-se tenebroso e o mar de repente escureceu, como um bandido que apaga a luz para assassinar. E no meio d'aquella confusão vagueava o bote sobre as cristas das ondas já revoltas.

— Deus! — gritou a menina — Deus nos acuda!

O catraeiro tornou-se livido no clarão de um relampago.

E o trovão rugia para os lados da cidade. O bote dava saltos immensos. Os tres viajantes protegiam-se uns aos outros, agarrando-se.

— Que ha a fazer? — gritou Henrique.

— Temos aqui um abrigo, patrão, temos um eschoço para amarrar. E os relampagos succediam-se n'um rumor continuo e medonho.

Então o remador, pondo-se de pé, com um golpe forte de remos aproximou-se da pedra. E a tirando-se sobre uma fenda, agarrou-a com uma das mãos, ao passo que com a outra apertava o remo contra o eschoço. Então, tirando do fundo um cabo, amarrrou-o á argola da pedra. Em seguida, tendo a corda em uma das mãos, pulou em terra. N'isto uma onda immensa cahiu em cheio e a embarcação, escapando, precipitou-se sobre o oceano. Depois tres vagalhões tumaram e a revolvendo-a nas possantes garras, jogaram-na vazia, de costas. Henrique mergulhou e, quando chegava á tona d'agua, sentiu perto de si dois corpos que se debatiam.

— Henrique! dá-me a mão por amor de Deus!...

— Meu filho! salva a tua mãe!...

Elle estendeu ambas as mãos e sentiu que os dois corpos agarravam-lhe nos braços e nos hombros. N'isto uma onda colossal passou-lhe pelo braço esquerdo, levando um corpo. Ainda olhou e viu aquillo que se afundava engulido pelo vagalhão, sem um gemido. Era a mãe. Mas, possuído de um poderoso instinto de conservação, poz-se a nadar com coragem, tendo no hombro esquerdo suspenso o corpo ligeiro de Alice. E nadou durante meia hora com um vigor heroico e inabalavel. Chegados os dois a uma praia do golfo, encontraram uns pescadores que os recolheram e abrigaram.

E Henrique, o caminhar na areia, ainda se voltou e viu o mar, que, de novo illuminado com o reaparecimento da lua, sereno e tranquillo, parecia um monstro cruel que se descansava de ventre para o ar, farto de sangue e de carne, digerindo o corpo da querida mãe!...

III

Mezes depois, á tardinha, Henrique dirigiu-se á borda do cães em companhia de Alice. Vinha cheio de uma colera surda, meditando qualquer vingança cruel. Assentara-se sobre o paredão, ao lado da noiva, que lhe dizia entre caricias:

— Meu amor, porque choras?... Foi muito forte a tua dor; foi eu bem comprehendendo... Ainda sinto uma arripio, quando me lembro d'aquella noite; que horror!... Passavamos tão tranquillios, tão socoados, e o céu estava como hoje, tão puro, tão alegre, quando tudo se mudou de repente!... Sim: bem vejo; é horrivel a tua dor, mas que queres?... é preciso que te resignes. Elle não soffreu quasi; aquillo foi rapido, n'um mergulho e agora já está no céu rezando por ti. Sim: consola-te! Foi Deus quem assim o quiz...

— Dizes bem... murmurou elle, foi Deus quem assim o quiz...

E recostado sobre o braço direito, olhava em frente. O céu estava sem nuvens como da outra vez. A lua em minguinte, não deixava luz tão forte, mas, ainda assim, atirava um phosphorecencia triste sobre as roupas dos noivos em luto.

O mar é que calmo e pacifico ostentava a sua indifferença de monstro farto. Sim: Henrique bem percebia agora toda a sua perversidade. Elle alli viera não para rezar, não para implorar protecção nem forças, mas para atirar á face da brisa o mais sollemne desafio, a mais cruel invectiva, dos labios cheios de blasfemia. — Sim: Deus não era justo, porque não só destrua os ladrões, mas tambem os santos e innocentes. Deus não era Bom. Era um mesquinho assassino que seduzia as victimas para afogalas em seu seio. Deus abusava da força sem ser forte, porque exterminava os fracos. Então: não era o Pastor sonhado, envolvido em Magestade e Paeola, mas um monstro horrivel e cruel que dormia para o ar, com o ventre repleto de victimas. — E Henrique, assim blasfemando, sentiu ao lado, o suspiro quente de Alice. E elle agora, longe dos homens, longe de Deus, inimigo de todos, tendo experimentado a perversidade de todos, apenas ouvia a voz doce de Alice, que, passando-lhe a mão pelos anneis dos cabellos, lhe dizia:

— É preciso que vivas agora para mim: sim, meu amor?

Paris, 1890.

LIMA E SILVA.



RESPOSTA DO VIOLINO

Sua voz parecia uma arvore frondosa,
Sibilando para o céu, carregada de ninhos,
De aves, chabreando ao luar, á carícia sandosa
Das noites de verão, cheias de passarinhos;
Suspiros na asa azul e diaphana dos sonhos
Pela retina macia e glauca dos caminhos...
Macerados fakes, corymbos risonhos,
Gemiam-lhe na voz, dançavam-lhe na arcada,
Entre rufos gárgis e cânticos tristonhos.
Como a agua de Damasco, alegre e perfumada,
A cascata dos sons jorrou em chifres d'ouro
Sobre as brisas do sul e a noite embalsamada.
O Líbano, banhado em lagrimas, ao choro
Do instrumento divino, o ovulho, attentamente,
Aguçava, e, de longe, acompanhava o côro.
Os cedros, embuçando o torso viridente
No lucido tapiz de folhas, vagarosas,
Vinham tambem ondo á margem da corrente.
Uma vegetação de templos fulgorosos
Espirava-lhe eu sons das comprimidas cordas,
Como a vegetação dos rios caudalosos.
Aproximavam-se então das esumantes bordas
Deste Oceano e ex lamel:

« Não ves que com teus gritos,
Mar profundo, os tristes e os nayades acordam?
Não ves dentro dos seus comprimidos sambenitos
Hicnophantes seus atropelando tudo
Através da amplitude fúnebre dos seus mythos?
Não ves bustos do emper, de turbante e de escudo,
Empunhando yatagans, galgando giuetes,
Do rythmo grave ao rythmo estrepitante e agudo?
Não ves, grave, um kalifa no pé dos gathardetes
De myrrina e cinamomo o narghilé fumando,
E arvores sacudindo os verdes capacetes?
Não ves o Oriente em pego e as palmeiras, calando
A visluz, o Sahel com as tranças desmastradas,
Quando passa o infão do teu arso ululando?
Não ves que o Ganges vem com as ondas agitadas
Sanjar o novo deus, rebentando o lotus,
Como um bosque do Hedjaz, gorgoejo de bailadas?
Por que has de, genio errante, as sonhas mais remotas
Em minh'alma acordar — zombro cimiterio —
De atas recordações, de epitaphios ignotos?
Por que vens arruinar as ruínas do um imperio
Decapito e amontoar montanhas e montanhas
De lagrimas no hual do meu solid fúnebre? »

II

E o instrumento me disse: « Aóde em minhas entranhas
O incendio das paixões mais puras e mais fundas,
Que, com o ovulho no céu, extático, acompanhais?
Esses rudes troubes, essas notas profundas,
Vem da morte que está na sombra, de alcateia,
Entre roças em flor e vapores inmundas.
Se, ás vezes, desdobrando a envergadura, a epopêa
Da harmonia — aguilão real — rompe d'este instrumento
Como de um ovo, deixa, ao partilho, uma idéa?
A alma genial de Gluck — sarça em chammas, vive o vento
Impetuosamente acommette e fustiga,
No arrefique d'este arco engastou um lamento,
Bellini, chichirivando — hymno que o arcanho abriga —
Arboreto tambem de supplicas o solo
Do meu arco que a Terra á Via-Lactea liga.
No meu carro triumphal perenoso co no Apollo
Do Zodiaco em fogo a estrada rutilante,
As grutas do Dardanio, as margens do Pactolo,
E quando ouço gemer algum pastor errante
Prezido a minh'alma á d'olho e acompanhando-o na treva
— Cúmplice do amor sem patria e sem amante; —
Se passo, á noite, o monte as mãos de pedra eleva
Na attitude de um monge ao amplo céu profundo
E exclama: « A' propria pedra o teu solço enleva! »
Como eu sei concordar as lagrimas do mundo
Para d'ellas fazer um solo ou uma volata
— História de sons brilhando nos pés de um moribundo! —
Como em rison festivas meu arco se desata,
Mal toco do instrumento as notas em repouso,
Mal as faço saltar em jarcas de cazaca!
Do amor — ainda lá bevo — o rio harmonioso
Levo-o a cantar por entre arvustos e collinas
No valle azul que fica entre a esperança e o goso,
De agua fresca e sonora as fontes argentinas
D'estas cordas estão profundamente cheias
Para desalterar as notas e as campainhas.
Em grupos, n'este mar, vêm á tona as sercias,
Quando, ó lua, os versos e os monolithos dourados,
Placido, chichirivando o fado das colmeias,
Nuvens de colibris, rebanhos de pastoras
Vem beber n'esta lymphica e vogar n'este Oceano,
As velas enfiando ás suas tranças louras,
E se acaso vão ter juncos ao mesmo engano,
Que ineffavel prazer, que amorosa loucura,
Não lhes dou a provar na hora do desengano? »
Sou, finalmente, o poeta, o affluio na amargura,
O queixime no riso, o riso no queixime,
Se á grande dor da estrophe outra dor se mistura.
Sou Romeo — a paixão — sou Othello — o crime,
O grande astro que sobe ao céu trágico e volta
Para no cacto haurir o sangue do perfume.
Se o meu arco flammeggia, a colera e a revolta
Flammeggia no painel e bimbalham no verso
— Cainpilha de escarcelos, desatrelada e solta — »
E quedou-se o instrumento. Havia no ar, disperso,
Um olor de câmpio, sob um luar de piedade,
« Porque partis, clamei, deixando no Universo
Dus meus ais esta immensa, esta immortal sandaite? »
Rio, 20-12-1898.

LUIZ MORAIS.

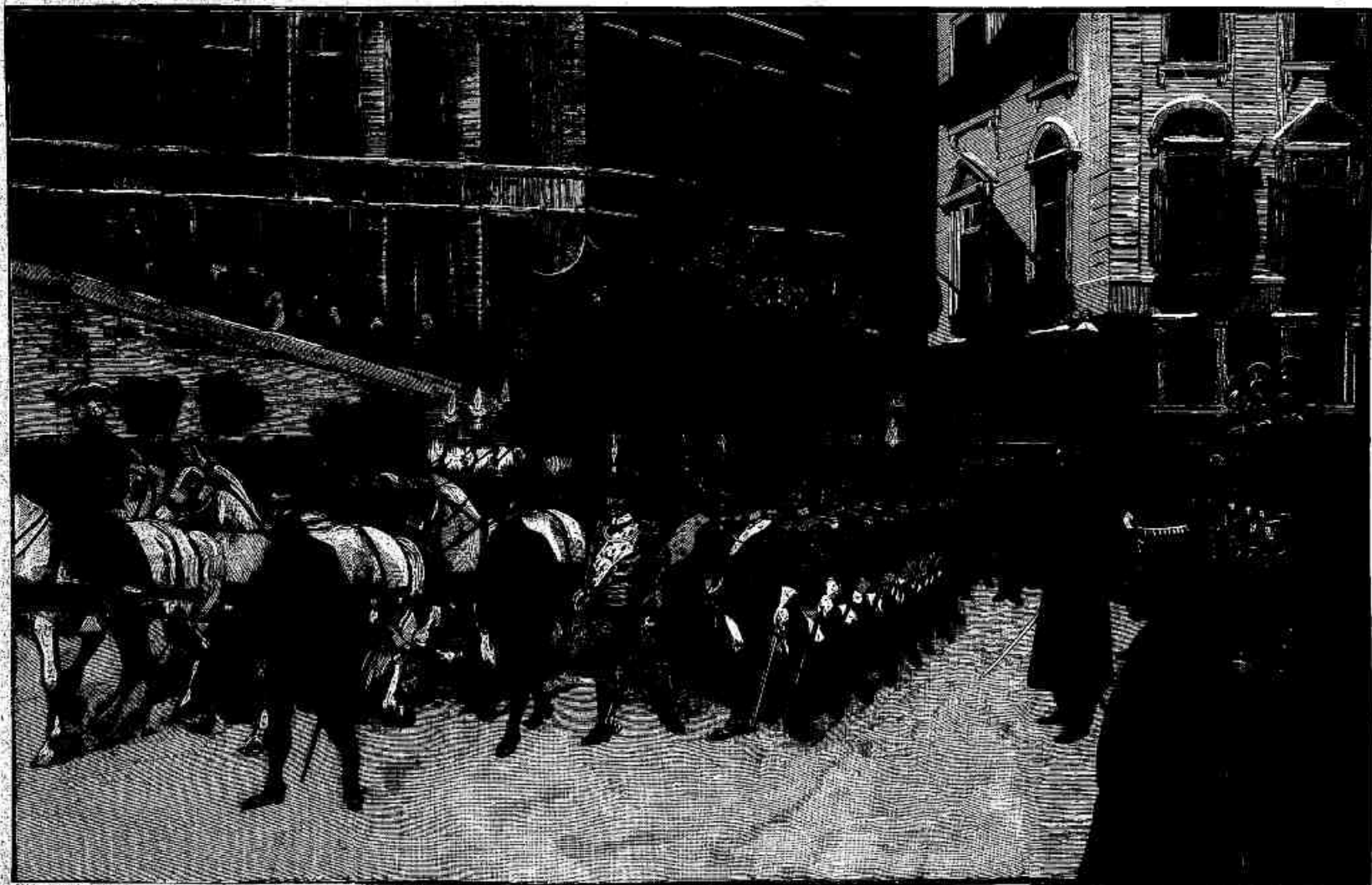
ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

Deixa que ao romper d'alva o cravo abrindo
A rosa envie o aroma;
E lá quando alta noite a lua assoma,
O rouxinol carpindo!
Que pela face a lagrima resvale;
De quem no exílio geme;
E quando a propria sombra o homem teme,
Que a mãe seu filho embale.
Deixa que ao espaço inenovo os olhos lance
O sol antes que expire;
Que pelo norte a bussola suspire
E n'elle só descanse
Amam leões e tigres. Não ha nada,
Anjo! que a amor se esconda;
Beija a pomba o seu par; e abraça a onda
A rocha inanimada.
Deixa que a nuvem negra tolde a lua
Se a leva a tempestade;
Deixa que eu te ame a ti, cara metade,
D'esta alma toda tua!

JOÃO DE DEUS.



VIENNA D'AUSTRIA. — A CAPELLA ARDENTE DO ARCHIDUQUE RODOLPHO. — A PORTA PRINCIPAL DE HOFBURG. — O PATIO INTERIOR DE HOFBURG. — A EGREJA DOS CAPUCHINHOS.
O MAUSOLEU DE FAMILIA IMPERIAL NA EGREJA DOS CAPUCHINHOS.



VIENNA D'AUSTRIA. — O FUNERAL DO ARCEBISPO ROBERTO. — O CORTEJO.



A REVISTA DAS REVISTAS

SOARES DOS REIS.

Encontramos nas *Novidades* de 18 de fevereiro ultimo a seguinte noticia assignada M. P. (Mariano Pina) acerca do suicidio do grande escultor portuguez, do qual publicaremos no proximo numero o retrato e a reprodução d'uma das suas obras mais notaveis:

Foi necessario que a dolorosa noticia do seu suicidio se espalhasse hontem por toda a cidade, causando o espanto e a dor em todos os centros da capital onde se discute Arte ou onde é moda fallar de Arte — para que todos se convencessem de que Soares dos Reis era um grande artista, para que todos se convencessem que este escultor, a quem a Hespanha conferiu uma *medalha de honra* n'uma famosa exposição de escultura, era uma gloria da nossa terra!

Explique quem quizer, por motivos de ordem intima, o suicidio do illustre escultor portuguez. Explique quem quizer, por diversos ou mysteriosos desgostos da vida caseira, este acto de desespero supremo, que vem cobrir de luto esta terra onde de quando em quando a travessa da sensaboria indigena, surge um descaimento do Genio, deixando boquiaberta a Historia, como quando apparece o architecto da torre de Belem, o cinzelador da Custodia, o humorista do auto da *Barca do Inferno*, o poeta da *Menina e Moça* ou o epico dos *Lusiadas*; — que nós só podemos ver em causas mais remotas de desgosto artistico: este triste e tragico epilogo d'uma existencia, que parecia destinada a uma bella e deslumbrante apothecose...

De accordo que os desgostos caseiros; de accordo que a incompatibilidade de espirito e de modo de sentir do artista e da sua companheira, decidissem Soares dos Reis a pedir a Morte a unica ventura, ou o derradeiro alivio.

Mas a desillusão do *ménage* não foi a sua primeira, nem a sua unica desillusão...

A terrivel, a medonha, a dolorosa desillusão, — foi a primeira.

Educado em dois paizes onde a tradição artistica e a elevação esthetica fazem dos homens de talento o alvo de todos os applausos e de todas as homenagens da multidão; educado em França e em Italia, onde os artistas, depois de terem sido os companheiros bem-amados dos reis, dos principes e dos Papas, passaram a ser os cidadãos bem-amados do Estado; — que veio Soares dos Reis encontrar em Portugal?... Artista de genio, apaixonado da sua arte, orgulhoso das suas faculdades, que encontrou elle nesta terra onde Camões morreu a fome; onde Camillo precisa que o Estado lhe vote uma pensão, para não ter o mesmo fim do epico dos *Lusiadas*...

Soares dos Reis era um grande escultor, da mesma raça e da mesma geração de Mercie, de Falguieres e de Dalou. Comparem agora a situação d'estes tres artistas seus contemporaneos em França, com a que tinha em Portugal Soares dos Reis.

Tinha a estima, a admiração d'uma duzia de pessoas. Mas por acaso o Estado se lembrou de aproveitar e occupar este talento? por acaso as camaras municipais de Lisboa e Porto, os dois mais ricos municipios do paiz, se lembraram de lhe confiar a execução de importantes trabalhos? por acaso os monumentos que por ali se fizeram, trazem a assignatura de Soares dos Reis?...

E condemnado á inação n'uma terra em que a Arte anda ao abandono; n'uma terra onde, para um artista vender uma obra ao Estado, ou para um artista de merito sair vencedor n'um concurso de medioeridades, precisa passar por todas as humilhações, e andar de chapéu na mão implorando a caridade e a misericórdia dos jurados influentes; — Soares dos Reis foi pedir ao *ménage* o refugio e a consolação para a sua alma torturada.

E o *ménage* para este desiludido da vida artistica, foi mais uma desillusão. E em frente d'este abismo do Nada; em frente d'este charco da Vida, onde elle nunca encontrou uma alegria; em frente

d'esta lucta ingloria pela existencia, que o levou um dia a ir empenhar a um *prêgo* do Porto a *medalha de ouro* com que a Hespanha havia glorificado o seu talento, quando expoz em Madrid o *Desterrado*; — em frente da tanta dor, elle decidiu sair mais cedo das luctas da vida para lembrar aos que venham após elle, que devem seguir um caminho bem differente do seu, se quizerem conquistar essa illustria Felicidade dos artistas — pobres doidos cuja culpa consiste em não serem uns aquilibrados, como a grande maioria dos mortaes.

M. P.

OS CARCERES DA INQUIÇÃO

Em Anvers existe ainda perfeitamente conservado o palacio da Inquisição, alli edificado no tempo da occupação hespanhola.

Raro é o estrangeiro que, visitando a cidade, deixa de ver tambem aquella casa, ainda hoje lugubre e sombria. Todos se retiram horrorizados do que ainda alli se vê, e alguns têm publicado a este respeito curiosas monographias.

Camillo Flammarion, que acaba de visitar o palacio da inquisição de Anvers, descreve do seguinte modo o que alli viu:

« Logo á entrada, n'um pequeno pateo interior, nota-se junto ao muro um assento de pedra, e mais alto, á altura do pescoço d'um homem assentado, um collar de ferro, selado ao muro.

Era alli, com a garganta presa no collar, que se fazia o primeiro interrogatorio aos accusados. No rez-do-chão, tudo salas baixas e lobregas; d'ellas só merece menção a sala dos interrogatorios. No primeiro andar as salas são abobadadas. Na capella vêem-se ainda soffivelmente conservados alguns quadros.

A paixão, a piedade, a dor, o luto universal. Era entre essas paredes humidas, recobertas por tão tristes pinturas, que os condemnados ouviam a ultima missa, antes de serem entregues ao carrasco, que havia de os degolar ou queimar em vida!

No segundo andar, diz Flammarion, encontram-se ainda muitos dos horribes instrumentos de tortura empregados pelo tribunal da fé.

Ao canto de uma sala estão as barras de ferro que eram alicadas ao rubro e com que se abriam no corpo dos desgraçados *herejes* largas e dolorosissimas chagas, sobre que depois se deitava azeite e chumbo derretido. Já se não vêem porém as gualleiras, os collares, os borzeguins, os diademas, apparelhos horribes, em que o paciente soffria mil affrontosas dores.

O supplicio do diadema era o seguinte:

Sentado e agarrado ao preso, cingia-se-lhe a fronte com um diadema, que por meio de um parafuso se ia apertando pouco a pouco, até fuzer estalar o cráneo do desgraçado!

Descem-se longas escadas de pedra, chega-se ao rez-do-chão, e continua-se a descida; estamos nos subterraneos, longos corredores abobadados, onde á direita e á esquerda se abrem cellulas.

No fim da escada ha uma larga pedra. Destaca-se das outras pela sua forma circular. Essa pedra, que gira sobre uma mole, cobre um popo que vae terminar no Escut, que em baixo corre impetuoso e terrivel.

Um homem descia a escada, pisava a pedra e o infeliz desaparecia para sempre.

As aguas lodosas do rio arrastavam o seu cadaver e sepultavam o segredo da sua morte e o da sua vida.

Entra-se n'uma cellula: o que é aquelle tubo que atravessa a parede? E o tubo que punha em communicação o carcere com outro, onde um padre vinha a ouvir de confissão o preso. O padre era juiz, e no dia seguinte o preso que se confessara era arrastado á sala de tortura e alli, horrorizado, via que lhe apresentavam a sua confissão para assignar.

N'outra sala, por meio de um ralo, a agua entrava e subia, subia sempre, chegava á garganta do preso. Este, pretes a afogar-se, levantava o braço e movia a haste d'uma bomba. Baixava assim um pouco o nivel da agua que, contido, entrava continuamente.

E assim se passavam horas, dias, noites, n'este martyrio horribel, a que para maior barbaridade se davam pequenas tréguas até que a victima cahia exausta e a agua subindo de novo, apenas cubria um cadaver!

E n'outra cellula, para que era o gancho suspenso no tecto? Para alli suspender por um dos pés a victima dos inquisidores.

E aquella mesa de pedra? Era onde os infelizes eram amarrados, para a fogo lento se lhes queimar o rosto, sobre o qual, de espaço a espaço, para prolongar o supplicio, cahia agua gota a gota!

Basta, porém, de rememorar as infamias da Inquisição. Digamos apenas, para terminar, que só no tempo da occupação hespanhola passou de 110000 o numero de individuos que foram encarcerados na prisão do Santo Officio de Anvers, e que de tantos, raros foram os que escaparam!

Em 1794 entrava em Anvers um exercito francez. O primeiro passo dos soldados da republica foi para os carceres da Inquisição, cujas portas foram arrombadas soltando-se e sendo levados em triumpho os infelizes que lá jaziam.

GAVARRINS COMPRIMIDOS

Um medico de Pittsburgh acaba de descobrir um processo que lhe parece destinado a substituir, vantajosa e economicamente, a cremação e o embalsamamento. Submettido á pressão de uma prensa hydraulica, condensa-se o cadaver em pequena massa que tem a apparencia de um pedaço de mar more.

A COLHEITA DE VINHOS EM 1888

Eis a colheita de vinhos francezes, a sua importação e exportação, de 1878 a 1888:

Anos.	n.º de hectes com vinhos.	Vinhos de todos as qualidades.		
		produção, hectol.	importação, hectol.	exportação, hectol.
1878.	2.263.190	48.720.000	1.603.000	2.295.000
1879.	2.241.177	32.770.000	2.031.000	3.047.000
1880.	2.204.459	29.667.000	2.219.000	3.488.000
1881.	2.609.023	31.130.000	7.831.000	5.372.000
1882.	2.133.149	36.8.000	7.337.000	3.618.000
1883.	2.098.927	36.820.000	8.980.000	3.093.000
1884.	2.107.739	34.780.000	8.115.000	3.470.000
1885.	1.930.581	29.330.000	8.182.000	3.380.000
1886.	1.939.103	33.063.000	11.011.000	3.704.000
1887.	1.911.136	31.333.000	12.277.000	3.402.000
Media:	2.107.770	31.792.000	7.370.000	3.677.000

1888 (11 primeiros meses). 1.813.380 30.102.000 10.863.000 1.996.700

Na Algeria, a coltura da vinha tem a uma extensão consideravel. A superficie dos terrenos plantados de vinhedo augmentaram no anno ultimo de 9459 hectares e a vindima produziu 2.728.373 hectolitros. Na Tunezia a produção de vinho é de 14393 hectolitros.

AS ABELHAS E O RHEUMATISMO

Dizem os entendidos que o rheumatismo é uma das enfermidades mais rebeldes á medicina e deve com effeito ser grande o desespero dos medicos que d'ella tratam e dos doentes que a soffrem, visto haver quem appella para um remedio tão original e extraordinario, qual é o inventado pelo dr. Terc, de Vienna, segundo refere a *Wiener Medicinische Presse*.

O dr. Terc observou que a mordedura de uma abelha produz habitualmente uma tumefacção, mas que, depois de varias picadas não se produz a inflamação, porque o organismo saturado de veneno, adquire uma certa immunidad.

Ao mesmo tempo observou (não diz como) que o veneno das abelhas é um remedio poderoso contra o rheumatismo. Dahi a inocular este veneno aos rheumaticos, não vae mais que um passo: E como não é tão facil extrahir o veneno das abelhas, como o acido formico is formigas, o doutor vienense, lembrando-se das suas observações anteriores, resolveu saturar o organismo dos seus clientes com o veneno das abelhas por um systema barbaico, mas o unico possivel: applicando-lhes uma colmeia completa para que os insectos mordessem á vontade no lugar doente.

O tratamento foi ensaiado em 173 rheumaticos que apparelham um total de 30000 picadas.

O exito foi evidente nos casos agudos, sobretudo nas formas chronicas em que os enfermos atacados de cachexia rheumatica se achavam em condições desesperadas.

E' preciso notar que os rheumaticos sentem muito menos as mordeduras do que as pessoas saãs. E' difficil obter n'elles a tumefacção que, só á forga de picadas, se consegue.

Continuando o tratamento, a inchação desaparece e então o enfermo está curado, e ainda ao abrigo dos ataques do mal por algum tempo. Para conseguir a immunidad completa é preciso continuar as picadas até saturar completamente o organismo do veneno.

OCCUPAÇÕES MALAIAS

Os indígenas de Maláia têm estranhas theorias sobre o origem das suas minas de metaes.

Mr. de la Croix, um engenheiro francez que esteve ha pouco n'aquelle paiz, conta que, quando visitou os mineros de Selah, teve de descalçar os sapatos e fechar um guirda-sol que levava, para poder penetrar nas minas.

Creem aquelles indigenas que os metaes se tão collocados sob a protecção de certos espiritos, e que estes se offenderiam profundamente se alcessem ousasse tocar uma particula das substancias metallicas com a sola d's botas, se o trage dos visitantes não fos e decente, e se algum d'elle levasse na mão um curruá-vul aberto.

Os espiritos protectores abandonariam logo a mina, levando consigo toda a riqueza d'elle.

E' por isso que, á entrada de cada poço, os malaios costumam levantar um altar, junto do qual se fazem offrendas de frutas e chavenas de chá, e se disparam petardos em honra dos espiritos protectores.

A VACINA NO JAPÃO

Até ao passo que a vacina contra a varíola é, ainda hoje, assumpto de discussão na Europa, os japonezes, perfeitamente convencidos da sua efficacia, fizeram uma lei, que é, sem a menor duvida, a mais rigorosa que se conhece sobre a materia.

Todos quantos ali nascem devem ser vacinados antes d'um anno d'idade, revacinados duas vezes com intervallos de cinco a seis annos, e tornados a vacinar uma quarta vez, antes de completarem quinze annos.

Além d'isso, as autoridades, em epoca de epidemia variolosa, tem o direito de fazer vacinar, se o julgarem opportuno, todos os habitantes da sua provincia, sem quererem saber se já foram alguma vez vacinados.

Se o Japão adoptasse, n'outros assumptos, medidas tão radicais, e soubesse fazer-as cumprir, poderia vir a ser um modelo para a Europa.

De passagem, diremos que a imprensa periodica está ali adiantadissima e quasi á altura da imprensa europea; e que, nas Universidades japonezas,

foram já oficialmente adoptados os livros de Darwin e Spenser.

MONUMENTO A GIORDANO BRUNO

Heitor Ferrari, suctor do monumento que em Roma se ha de erigir a Giordano Bruno, declarou a commissão que essa obra ficava prompta no proximo mez do Abril e poderã ser inaugurada no dia 3.º do mesmo mez, o anniversario da victoria alcançada pelas tropas da republica romana sobre os soldados francezes.

GARRAFAS DE PAPEL

A fabricação de garrafas de papel levou-se a cabo com notavel exito em Chicago, e va-se estendendo gradualmente por todos os Estados-Unidos.

A primeira das vantagens d'esta nova adopção de papel, é que as garrafas nunca se quebran e custam baratissimo. Ha, demais, uma grande economia no peso, coisa importante quando se quer transportar em gran les quantidades.

Para fabricar garrafas de papel ha machinas especificas. Formase primeiro um tubo de papel, torcendo uma larga tira. Este tubo cobre-se por fora com uma folha de papel envernizado o qual leva os rotulos desenhados, e corta-se do tamanho que se quizer.

A e t's canudões põe-se-lhes o funilo e o gargalo de papel, ou de madeira, se se quizerem mais fortes. Prepara-se depois o papel com uma substancia chimica que, ao secar, se deixa como vidrada e resistem á acção de qualquer acido, licor, tinta, etc.

ANTONIO FOGAÇA

A Aurora do Minho, jornal de Vianna do Castelo, Portugal, publicou um numero consagrado á memoria de Antonio Fogaça, o delicado e saudoso poeta, que a morte tão prematuramente arrebatou.

João Penha — o illustre artista das Rimas — inserio ali a seguinte quadra, que é um primor:

Cosmogonia

Mal nos vata se extingue a vida tão profunda,
E logo se produz em pyramides distantes;
D'im poeta, que expira, renasce um novo mundo.
Os poetas são germens dos astros radiantes.

O numero é uma bonita coroa que mão amiga deante sobre a sepultura do sonhador dos Versos da Afecidade.

CABO REAL VIOLET SABÃO DE THIRAGE VIOLET SABÃO VELOUTINE

FALSIFICAÇÃO DO CAFÉ

O sr. dr. Franz W. Daser, director da Estação Agronomica do Rio de Janeiro, tendo noticias das falsificações do café na Europa, que não quiz deixar de occupar-se do assumpto, que para o Brazil tem a maior importancia, por ser um dos maiores paizes productores.

A experiencia tem demonstrado que não ha objecto, por mais exiguo que seja o seu valor, que não corra o risco de ser roubado, o enixa tambem que nada existe debaixo do sol que esteja de todo isento de falsificação.

A falsificação do vinho e da manteiga é actualmente mais difficil do que o foi n'outro tempo, porém é ainda, infelizmente, muito commum. Em nossos dias, têm-se até tentado experiencias para fazer leite de manteiga artificial, em machina centrífuga apropriada.

E' de presumir que o principal producto da nossa lavoura, o café, de que se conhecem ha muito falsificações mais ou menos desenvolvidas, não esteja longe de ser tambem objecto de falsificação em grande escala.

Não sei se já é conhecido no Brazil o facto de haver-se fundado ha poucos annos na Europa uma fabrica com todos os machinismos para a fabricação de café de argilla.

A fabrica preparava favas de argilla como as do café, admiravelmente bem feitas, e que torradas de mistura com o café do Brazil ou de Java eram depois vendidas para o consumo. Em boa hora, o governo do paiz em que essa fabrica existia prohibia a continuação da industria.

Apezar, porém, da repressão dos governos, a falsificação nunca se acaba, e tende sempre, pelo contrario, a desenvolver-se. Diz n'um jornal allemão

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO DR. FRANK

Verdaderos Grãos de Saude do Dr. Frank. Contra a Falta de Appetito, Arreio de Ventre, Indigestão, Verdugem, Gostoso, etc. e para a cura de todas as doenças da digestão e da circulação. Preço 3 francos. O frasco Remessa para o estrangeiro 3 fr. por 7 fr. Depósito: 41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris.

DIGESTÕES DIFFICILES

Dyspepsia, Perda de Appetito.

DOENÇAS DO ESTOMAGO

ELIXIR GREZ

GASTRALGIA

ANEMIA, Vomitos, Diarrhea chronica.

TONICO-DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPINA. ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalha de Ouro e Diplomas de Honra. PARIS — GREZ, 34, rue La Bruyere, e em todas as Pharmacias.

EXPOSITION UNIV. 1878 Medalla d'Or OLEO DE QUINA E. COUDRAY

OLEO DE QUINA E. COUDRAY. ESPECIALMENTE PREPARADO PARA A FORTIFICAÇÃO DO SANGUE. Recomendamos este producto, considerado pelas celeberrimas medicas, pelos seus principios de quina, como o mais poderoso regenerador que se conhece.

ARTIGOS RECOMMENDADOS: PERFUMARIA DE LACTEINA. Recomendamos este producto, considerado pelas celeberrimas medicas, pelos seus principios de quina, como o mais poderoso regenerador que se conhece.

EDTES ARTIGOS ADAM-SE NA FABRICA PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS. Depósitos em todas as Pharmacias, Pharmacias e Cabellereiras da America.

VINHO DE MILLET

Chalybê Balsamico. Tonico superior d'uma effigração certa na Anemia, Chlorose, Prostração, Impotencia, Fezres, Bronchite chronica, Gostosa mentes e nervozas. PREÇO 3 FRANCOS. O FRASCO Remessa para o estrangeiro 3 fr. por 7 fr. Depósito: 41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris.

Sorveteiras Domesticas

para fabricar o gelo e fazer sorvetes. SORVETEIRAS ESPECIAES para congelar os sorvetes.

Armarios & refrigerantes

para conservar os comestiveis. J. BUSTIN, 5, Boulevard de la Chapelle, PARIS. Fabricador das Maquinas Francesas.

BELEZA DO ROSTO. LAIT ANTEPELHIC. O LEITE ANTEPELHICO para o misturado com agua, dissipa SARDAS, TIZ, GRESTADA, PONTAS-RUBRAS, BORRULHAS, ROSTO SARABULENTO e PARINACAO, RUICAS, RUICAS e CONSERVA a cutis liza e clara. CUIDADO & Q.

CONSTIPAÇÕES, BRONCHITES

Irritação do Peito e da Garganta. Contra essas affecções, a PASTA REITALOR ou XAROPÉ DE WAFÉ DE DELANOEIER, de PARIS, possuem uma efficacia infallivel verificada pelos membros da Academia de Medicina de France. Não contem lo opio nem tão pouco nada de opio leas como Morphina ou Codeina, esses productos minisrio-se com optimo exito e segurança as crianças soffrendo de Tosse ou Coughé. Depósitos nas Pharmacias do Mundo inteiro.

Premio de 48.000 fr. Medallas de Ouro. QUINA-LAROCHE. ELIXIR. VINOSO. Affecções do Estomago — Anemia — Febres inveteradas, etc. PARIS, 22 et 24, rue DROUOT, PARIS.

Em todos os Perfumistas e Cabellereiros de França e do Extranjero. A VELOUTINE. Po d'Antes especial. PREPARADO COM INSUMTO. Por CH. FAY, Perfumista. 9, rue de la Paix, PARIS.

ASTHMA E CATARRHO. Curados CIGARROS ESPIC. Em França DOM D. O. CIGARROS ESPIC. 25. CAIXA. Opressão, Tosse, Constipação, Nervosismo. Em todas as Pharmacias de Portugal e do Brazil. — PARIS, Vende por grosso, A. BISMU, Rue St-Lazare, 30. Engrair esta assignatura sobre cada Cigarro.

